

Empresários se reúnem para debater a crise

por Antônio Gutierrez
de São Paulo

A articulação do Congresso em torno de um entendimento nacional para superar a crise que vive o País deve receber a contribuição da classe empresarial. Cerca de sessenta empresários estarão reunidos em São Paulo, na noite desta quarta-feira, para debater "problemas nacionais agudos". Devem participar desse encontro lideranças de diversos setores como indústria, comércio, agricultura e bancos, segundo o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato.

APOLÍTICA

"Vamos discutir bolsa, eleição, câmbio, exportação. Cada setor vai dar sua opinião", disse o presidente da FIESP, observando, porém, que não será uma reunião política. O encontro será realizado na residência do empresário Salvador Arena, presidente da Termomecânica. Arena, cuja postura empresarial muitas vezes tem surpreendido seus colegas empresários, por contrariar a tendência da maioria, não participará da reunião, segundo Amato. Ele apenas cederá sua residência.

O presidente da FIESP fez questão de ressaltar que não existe uma liderança conduzindo esta articulação da classe empresarial. Daí a preocupação de

realizar o encontro em uma residência particular. "Vamos ouvir o que os empresários estão pensando, os que fazem parte desta casa (FIESP) e também os de outros setores", disse Amato. Ele reconheceu as dificuldades de articulação de um pacto, mas recorreu às forças da natureza para ilustrar a necessidade de persistência: "A Natureza tenta todo dia, a toda hora, a todo instante".

MORATÓRIA PROVISÓRIA

Amato reafirmou sua posição favorável a uma suspensão do pagamento da dívida externa por um período de seis meses. Esta "moratória provisória" teria como desfecho uma renegociação da dívida externa brasileira pelo próximo presidente, a ser eleito em novembro.

O presidente da FIESP afirmou que tem ouvido a opinião de muitos banqueiros sobre a dívida externa brasileira. "Eles estão sensíveis a uma dilatação do prazo de pagamento, tendo em vista os acontecimentos recentes na Venezuela e Argentina." Para Amato, este é o melhor momento para o Brasil negociar "uma extensão dos pagamentos": "Temos reservas (cambiais) boas, mas se pagarmos, em setembro, o serviço da dívida mais o principal, as reservas cairão. Aí a situação pode complicar-se".